

O MOVIMENTO QUEREMISMO EM NATAL NO ANO DE 1945

Rayane Dionísio da Silva
Departamento de História – UERN

O presente trabalho busca analisar o movimento do queremismo em Natal, no ano de 1945, não somente com intuito de registrar apenas o passado, mas falar daqueles que participaram de uma ordem de interesses em um momento particular que deseja evocar. Tomando como análise a participação política dos trabalhadores que nas ruas manifestaram sua vontade política em um movimento de massa que ainda não mereceu uma análise aprofundada. A preocupação sobretudo não é centrada nas grandes lideranças embora elas estejam presentes, além disso, procuro ressaltar, idéias, crenças e valores de caráter político que fazem parte do imaginário dos trabalhadores que participaram ativamente da política brasileira naquele período engajado no projeto político conhecido Trabalhismo. Recorro ao campo historiográfico que tem como parâmetro, as contribuições da Nova História francesa, por elas possibilitarem a produção do conhecimento por meio de novas abordagens, novos problemas, em decorrência de uma inserção de uma história local nova, cuja finalidade, também, é promover um rico debate sobre temas com os quais os pesquisadores mantêm um intenso diálogo privilegiando acerca da temática História e Trabalho. O referencial teórico está ancorado a partir da perspectiva de se escrever como afirma Burke, a “história vista de baixo” resgatando as experiências passadas das “classes inferiores”. Tomando como base os jornais a nível local (A Ordem) e nacional (Correio da Manhã)

Palavras-chave: Trabalho. Movimento, História local. Classe trabalhadora.

O Estado Novo, sobretudo no segundo semestre de 1944, dava sinais de esgotamento e seu fim resultou numa união de fatores externos e internos. A vitória das forças democráticas na Segunda Guerra deu novo prestígio à democracia no Brasil, pelo menos nos setores da sociedade: jornalistas, intelectuais, entre outros que, ajudaram a engrossar a oposição. Diante deste novo quadro Getúlio fez uma ação arriscada, tentou se apoiar mobilização popular, além dos setores políticos, e de trabalhadores, além disso buscou também se aproximar dos comunistas, que estavam na ilegalidade.

Diante disso, no discurso de 1945, em pleno processo de democratização política, começou um movimento chamado “queremismo” onde trabalhadores, populares, assalariados de baixa renda, militantes e simpatizantes do trabalhismo, saíram às ruas em prol da continuidade de Vargas na Presidência da República, sob slogan “queremos Getúlio” na qual expressava a apreensão que o novo regime democrático, sem o controle de Vargas, ameaçasse os direitos conquistados pelos trabalhadores de 1930¹. Desta forma, expressões como: “trabalhismo” e “getulismo” constituíram trocas de relações, que tinha que ser defendidas em virtude dos ataques de Vargas, na qual, significava na cultura política popular, um grande perigo, para a quem

¹ GOMES, Ângela de Castro. A invenção do trabalhismo, FVG. Ed. Rj, 2005.

se beneficiavam da legislação. “O movimento era assimétrico”, “Caia o Estado Novo, mas crescia o prestígio de Vargas” (GOMES, 2005, p. 15)

As manifestações populares eram desprezadas pelos setores dominantes, que ignoravam a mobilização popular, em torno de um Ditador, fascista, tirano e demagogo como a oposição caracterizava Vargas. No entanto, a oposição se espantou devido às manifestações serem por demandas políticas e não por reivindicações econômicas. Contudo “foi este mesmo povo empobrecido que saiu às ruas pedindo a permanência de Vargas”, no entanto, “não se pode atribuir o apoio incontentável das massas à sua ignorância ou à força da propaganda como fazia o pensamento liberal” (CABRAL, 1995 p. 12). Os benefícios sociais não foram escassos, porém as oposições não enxergavam a essa linha de raciocínio e continuavam a combater com críticas ferrenhas a política varguista.

É preciso destacar que no mundo de hoje, os direitos dos trabalhadores estão resguardados num conjunto de Leis, no entanto, já existiu um mundo em que os trabalhadores eram alvos de desconfiança e repressão por parte do Estado, e aqueles que pediam a continuidade de Vargas, o conheceram.

Em apenas quatro anos, com a exceção do salário mínimo, foi publicado por lei: horas extras, férias, pensão, aposentadorias, regulamentação do trabalho infantil e feminino e repouso semanal remunerado. “As rigorosas determinações do ministério do trabalho para o descanso nos domingos, feriados civis e religiosos, salvo os casos especiais” (Jornal A Ordem, Natal, 30 de janeiro de 1940). O jornal A Ordem descrevia ainda sobre a criação dos refeitórios em todas as fábricas. Portaria assinada pelo ministro do trabalho Valdemar Falcão, que dizia: “Nos estabelecimentos em que trabalharem mais de 500 empregados, no prazo e nas condições referidas na presente portaria, reservarem-lhes um local onde possam fazer suas refeições.” (Jornal A Ordem, Natal, 04 de janeiro de 1940). Não basta legisla, era obrigada a cumprir as leis daí o surgimento do Ministério da Justiça e do Trabalho a força das leis sociais entre os trabalhadores não poderia ser diminuída.

O governo de Vargas, não teria alcançado tanto prestígio entre os trabalhadores sem o apoio e a divulgação do instrumento que controla “corações e mentes” o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) na qual contribuiu a difusão para o “mito”² de Vargas na vasta propaganda política e ideológica e doutrinária veiculada durante o Estado Novo, o “mito” de Vargas e o movimento que surgiu em torno dele o “queremismo” expressavam um conjunto de experiências irrealizáveis, que se fundamentava em discursos e imagens alterando a vida dos trabalhadores.

Segundo Ferreira (2005) no final de fevereiro e início de março de 1945 a população reivindicava as ofensas dirigidas a Vargas, em abril o conflito assumiu um caráter mais nítido, principalmente no campo das idéias com a entrada dos trabalhadores no cenário político brasileiro. Sendo desta forma, a transição democrática não ficaria limitada a penas as elites, pois, a intervenção dos trabalhadores teria que ser aceita. O mesmo autor afirma que no mês de abril, surgiu na imprensa às expressões “queremismo”, “nós queremos” ou “nós queremos Getúlio”. O movimento de base popular, sem direção e organização centralizada, e cujo intuito político era a continuidade de Vargas no poder, se espalhou por todo o país, contra a oposição que gritava “Fora Getúlio”. Os jornais não podiam mais esconder o movimento.

² Segundo Mircea Eliade “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas”.

Os jornais, neste caso, noticiavam de uma forma bastante peculiar, ocorrências do movimento. No que se refere à cidade de Natal, por exemplo: “Liam-se por toda parte pichações nos muros e paredes com frases “Queremos Getúlio” e “Viva o presidente Getúlio Vargas”” (Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro 18 de abril de 1945), escritas com letras bonitas e pintadas com tintas azuis, às vezes numa altura que demonstrava que os queremistas precisavam de uma escada para atingir o ponto mais alto. Afirmando ainda que “o mal havia alastrado por outros Estados da região Nordeste como a Paraíba”. (Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro 18 de abril de 1945). Vale salientar também no que diz respeito ao movimento do quererismo em Natal, conforme nossas pesquisas, não foram encontradas até o presente momento registros que apontassem os nomes de líderes queremistas, embora fosse bastante comum a presença de centros operários e círculos operários na cidade de Natal.

Os círculos operários de Natal, tinham sede no Alecrim com sessão mensal desta sociedade, convidando especialmente todos circulistas, em especial os membros da Diretoria”. Noticiava também “abertura de matrículas de escolas mantidas pelo centro operário natalense, sendo, desta maneira, ministrado o ensino de corte e costura nos seis dias úteis ministrado na semana.” (Jornal A Ordem 30 de Janeiro de 1940).

Tanto os círculos operários como os centros operários localizados em Natal, tinham um programa social trabalhista, não se conformavam com o liberalismo, principalmente com a situação, na qual, os trabalhadores foram deixados pelo sistema liberal. Ambos buscavam colaboração de outras classes. O discurso utilizado pelos operários era de que os trabalhadores bem instruídos e bem pagos e assistidos são preciosos elementos de bem estar geral.

O movimento do Queremismo teve apoio do DIP e do órgão do ministério do trabalho e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Apoio hábil e cauteloso “a conjuntura era bastante desfavorável a Vargas, demonstrava a participação maciça da máquina estatal, na ostentação de sua imagem, que poderia acabar por se tornar mais um argumento para a oposição.” (NEVES, 2005, p. 20).

O quererismo recebeu o suporte financeiro de empresários favoráveis a Vargas, mas o que teria levado esses empresários a intervirem neste movimento? Ou em outras palavras preferiam os trabalhadores aos grupos dominantes? Em primeiro lugar, é preciso considerar, que do ponto de vista dos empresários frente às relações entre o ministro da fazenda, sobretudo, em virtude de amparo financeiro e político. (FERREIRA, 2005)

Entretanto, o quererismo não foi uma simples criação do ministério do trabalho ou de suporte de dinheiro privado, como afirmava a oposição. É preciso considerar que sem a vontade política dos trabalhadores, e sua presença nas ruas, o apoio oficial e o privado seria um fracasso. Nas capitais de alguns Estados do Brasil, como Natal, em partícula, as ruas amanheciam pixadas exaltando ou exigindo sua continuidade no poder. Embora sem uma divulgação oficial maciça aos meios de comunicação a frase: “Queremos Getúlio” apoderou-se nas crenças políticas populares. Apesar de que não se leva muito a sério a idéia de que somente os homens considerados notáveis fazem a história, sempre foi difícil admitir que as pessoas comuns possam, de certa maneira, interferir nela. “A História tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de considerar os grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou eruditos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário na história.”

(BURKE. 1992 p. 28). É preciso considerar os trabalhos de Eric Hobsbaw e Thompsom como arcabouços que demonstraram que as “camadas inferiores da sociedade” têm sua cultura própria, sua organização e autodefesa.

A oposição também se organizou oficialmente, com o nome de União Democrática Nacional (UDN) formada por diferentes grupos políticos, unidos ideologicamente pelo mesmo ódio a Vargas, tanto na imprensa, como no meio dos intelectuais e entre as elites políticas como Eduardo Gomes que recebeu apoio:

Os espaços políticos de destaque, nas páginas da grande imprensa, eram reservados as campanhas do candidato a oposição. Enquanto o candidato do Partido Social Democrático (PSB) o general Eurico Gaspar Dutra surgia em pequenas notas, sugerindo ao leitor a candidatura sem maior importância e fracassada. (FERREIRA. 2005, p. 30)

Com a criação de um comitê pró-candidatura de Getúlio Vargas, o objetivo era organizar ideologicamente com outros núcleos, espalhados no país. O quererismo, inicialmente um conjunto de insultos³ a Vargas, com o tempo adquiriu feições mais definidas em termos organizacionais e políticos com adesões, de núcleos, comitês de bairros e abaixo assinados.

Vale ressaltar que o entusiasmo político dos trabalhadores, permitiu que surgissem vocações para lideranças políticas nos bairros ou em locais de trabalho. Os trabalhadores descreviam Vargas como um modelo exemplar de governantes, aquele que se preocupou com a questão social, na qual, elevou os trabalhadores pobres ao nível de cidadãos, implementou a justiça social, doou leis sociais, atuou contra a exploração dos trabalhadores e falou a linguagem deles entre outros feitos nunca realizados por nenhum governante anterior a Vargas.

“É que a ideologia política centrada no trabalhismo, na figura de Vargas, em sua obra social, ocasionou uma relação direta e emocional que ele propunha com a massa trabalhadora, construído pelo Ministério do Trabalho desde 1940.” (GOMES. 2005 p. 14). Não se trata apenas de uma troca de benefícios sociais em virtude das leis sociais, estabelecido entre Estado e classe trabalhadora. Gomes (2005) afirma que houve uma união simbólica com o discurso proferido por Vargas, baseadas numa ideologia trabalhista, resgataram idéias, crenças, valores, construídos pelos trabalhadores desde 1930.

Outro problema também entrou em debate nesse período, a relação do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) com o movimento quererista, levando em conta a relação direta do partido com Vargas, principalmente em meados de 1945. Gomes (2005) coloca que trabalhismo e quererismo comungavam da mesma idéia e que no ponto de vista organizacional o PTB e o quererismo não eram a mesma coisa. É preciso destacar que os filiados ou PTB eram “pessoas comuns”, ou seja, seus líderes eram pessoas desconhecidas que não participavam da vida política brasileira, antes de ocorrer o movimento quererismo. “O movimento do quererismo, contribuiu para fortalecer as expressões trabalhismo e quererismo, getulismo e dar força ainda mais para o movimento. É um equívoco pensar que o PTB e o quererismo fossem a mesma coisa.” (NEVES. 2005 p 33). Para Maria Celina D. Araújo e outros autores o PTB surgiu no cenário político como porta-voz de uma geração que se identificava com a

³ Esse termo será utilizado neste momento para caracterizar as ofensas dirigidas a Vargas.

política trabalhista, resultado de ações de um superlíder consciente como Vargas, permitindo sua sobrevivência, após seu desaparecimento em agosto de 1954.

O queremismo surgiu durante a transição democrática, como um movimento espontâneo de protesto realizado pelos trabalhadores, com medo de perder seus direitos adquiridos durante a década anterior. A princípio, eles focalizaram na figura de Vargas a única garantia de assegurar as leis trabalhistas, depois perceberam, que a única forma era por meio de uma Assembléia constituinte, como uma maneira de legitimar as leis sociais conquistadas pelos trabalhadores, o resultado foi a criação de um partido dos trabalhadores, o PTB.

Vale salientar também que o queremismo serviu como um aprendizado político, por parte dos trabalhadores, na década de 1930 a questão trabalhista passou a ser vista como “questão social” e não mais como “questão de polícia”⁴. É válido afirmar que os trabalhadores aprenderam de uma certa forma a terem direitos e ao longo de 1945, eles tomaram conhecimento da transição democrática, e principalmente, começaram a aprender a ter contato com a cidadania política, e a partir daí, eles passaram a entender que a política seria a única alternativa para garantir leis sociais. Apesar dos queremistas não atingirem sua idéia mais obcecada que seria a continuidade de Vargas no poder. Nem com a constituinte, nem sem ela. Pode-se dizer que o movimento foi derrotado pelo simples ato que Vargas foi deposto pelos militares.

O queremismo foi absorvido, pelo PTB, que só se tornou possível devido ambos termos um ponto comum, afinados por um conjunto de experiências, econômicas, políticas, culturais e ideológicas, partilhadas pelos trabalhadores embasados num projeto chamado de trabalhismo.

Dessa forma o Queremismo, se tornou um movimento social, popular, de maior expressão no país. Era um movimento profundamente fundamentado numa ideologia trabalhista, fruto das relações entre o Estado e a classe trabalhadora desencadeada durante a Primeira República.

Desta forma, aqueles que participaram de certa maneira, seja a nível nacional ou local, manifestaram sua cidadania política, porém, na maioria das vezes sem ter consciência, que passaram a perceber e a contribuir uma identidade social, e sua história, pois ao defenderem a figura de Vargas, defendiam a si próprios. Os trabalhadores começaram a se sentir como uma classe, como um todo quando começam a perceber que embora fracos como indivíduos, formam um poder quando unidos e a eles atingem a importância social e política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CABRAL, Elza Borghi de Almeida. *O queremismo e a redemocratização de 1945*. Rio de Janeiro: FVG, 2005.
- CERTEAU, Michael. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2007.
- GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

⁴ Como era vista pelo Estado, antes da revolução de 30. Ver em Edgar Carr.

NEVES, Lucilia Almeida. “*Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil*” (1945-1964). Rio de Janeiro, FVG, 2002.

FONTES

Jornal A Ordem, Natal, 1940.

Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1945.